

*Esta triste Verdade é em toda a parte confessada,
Lento se eleva o Mérito, pela Pobreza diminuído:
Mas mais lento aqui, onde todos são Escravos do Ouro,
Onde Aparências são Mercadorias e os Sorrisos vendidos,
Onde por Subornos conseguidos e Lisonjas imploradas,
O Lacaio adquire os Favores do senhor.*

Samuel Johnson



Capítulo 1

AS ESCADAS

A morte era mais fria do que Mark tinha imaginado.

Quando a mãe lhes contava as histórias da vida depois da morte, aconchegava-o às saias de lã e descrevia o cenário de outra cidade, onde era sempre Verão. Um mundo em que o rio corria limpo e cintilante, uma terra em que todas as dívidas eram esquecidas. Mark acreditara em cada palavra, até acordar numa cela de pedra, tremendo e envolto numa mortalha.

A mãe tinha sido a primeira a partir. Ficara, pelo menos, a saber antes dele como estava enganada. Estava cinzenta como uma pedra. Ele segurara-lhe a mão até ao último instante. Depois chegara o Ceifeiro. Parecera-lhe um homem de casaco preto, até lhe vislumbrar o rosto — liso e branco, sem boca nem nariz, mas com dois olhos pretos enormes. Mark encolhera-se a um canto quando ele passara. As outras crianças tinham dito que quem tocasse nele se transformava em pó.

Viera três vezes. A primeira vez para a mãe, depois para o irmão e para a irmã. Em todas as ocasiões ouvira o pai resmungando qualquer coisa, e as respostas em voz baixa do Ceifeiro, mesmo fora do alcance do seu ouvido. Apenas uma vez conseguira perceber as palavras do pai. Estava a gritar qualquer coisa sobre água, que não havia água para beber. O Ceifeiro partira com um passo mais lento dessa vez, como se soubesse que iria voltar.

Depois viera o cansaço, a leveza. Mark vira as costas das mãos tornarem-se cinzentas. Percebera que seria em breve. Depois eram

apenas sensações. A sensação de uma boca a arder, de ruído. De ser meio empurrado, meio erguido através de formas e sons rodopiantes. De uma frescura agradável e derradeira a preenchê-lo.

Quando acordou, sentiu frio. Era óbvio que estava morto. Tudo parecia diferente. O cinzento desaparecera da pele, o ruído do ar. Em vida, o fedor do rio misturara-se com o cheiro forte a peixe, agarrando-se ao cabelo e à roupa. A vida depois da morte cheirava a pó, com uma pitada de vinagre. Ele fechou os olhos por uns momentos, puxando os lençóis à sua volta para desviar a corrente de ar que lhe passava em torno dos pés, mas em vão. Olhou em volta do quarto. Não era grande. As paredes e o chão eram de pedra cinzenta. Conseguiu distinguir uma lareira onde algumas brasas ainda ardiavam. E ao lado, uma porta.

Mark esperava, embora não soubesse bem o quê. Um anjo? Teria sido suficientemente bom para isso? Ajudara sempre o pai a limpar o peixe. E tinha cuidado do irmão e da irmã quando a peste os apanhara. Isso seria suficiente? Com dificuldade, deixou escorregar os pés para fora da cama e levantou-se. Arrastou-se até à porta. Era velha, com a madeira empenada à volta das dobradiças. Não parecia a porta de um anjo. Com uma mão trémula, empurrou-a.

À sua frente, uma antiga escadaria de pedra subia em espiral.

No fundo da sua mente, algo se avivou. Algo que a mãe lhe dissera acerca da lenda de um homem que não foi suficientemente bom para entrar no céu, que trepara para lá sozinho. Ao longe, ao cimo das escadas, ele pensou ver um raio de luz.

Levantou um pé descalço e colocou-o no primeiro degrau.

A escadaria era irregular; a pedra esfarelava-se nalguns sítios. Quando olhou para baixo, percebeu que os degraus continuavam, passando pela cela de onde ele saía e desaparecendo nas profundezas sombrias. Depois disso, tentou não olhar novamente para baixo.

Passou por várias portas. Portas grossas de madeira escura. Não se via qualquer luz por trás delas. E se fossem para onde iam os condenados? Os que deixavam o seu trabalho por acabar, as dívidas por pagar. Mark vira-os a gritarem e a serem arrastados para fora das suas casas pelos cobradores, os homens de azul. Nunca mais eram vistos.

Mark continuou, serpenteando cada vez mais alto. A escadaria parecia tornar-se mais íngreme. Ele sentia as pernas mais fracas do que em vida e encostou-se a uma parede. Com os dedos sentiu qualquer coisa gravada na pedra. Como estava demasiado escuro para ver o que era, apalpou-a com as pontas dos dedos. Seis formas num círculo. Formas com pontas. Estrelas. Devia saber o que isso significava? Tentou lembrar-se melhor das histórias da mãe, mas pensar nela era doloroso.

Depois, por baixo dele, ouviu o chiar de dobradiças.

Começou a subir mais depressa. Trepou pelas escadas acima, utilizando os pés e as mãos, com o coração a martelar. Atrás de si ouviu outro passo, lento e firme. Nada de bom podia surgir daquelas profundezas bafientas, e ele estava tão próximo da luz.

E foi então que o viu.

Por cima dele uma das velhas portas estava aberta. A luz entrava do outro lado — cor-de-rosa, cor-de-laranja e dourada. Ele apressou-se, trepando ainda mais alto. Enquanto subia, olhava para trás. O Ceifeiro estava nas escadas atrás dele: uma forma negra que se confundia com as sombras mais profundas. Mark reuniu toda a sua força de vontade para subir. *Só mais um pouco, só mais alguns degraus. Nenhum Ceifeiro conseguia subir ao céu.* Ele alcançou a porta, arfando e arrastando-se para contornar o caixilho. Lançou-se para dentro da sala.

A claridade feriu-lhe os olhos; ele teve de os cerrar um pouco. Do outro lado da porta havia uma extensão de branco puro. E à frente dele, banhada em raios de luz, uma figura, uma rapariga, olhando para o centro de uma auréola ardente. Ela voltou-se; Mark deixou-se cair de joelhos, fixando os olhos no chão. A sua mãe tinha dito que fitar um habitante do céu era sentir a alma perder-se em chamas. E ele já tinha os olhos a arder.

Atrás de si, ouviu os passos do Ceifeiro, cada vez mais próximos. Estirou-se no chão. O anjo ia salvá-lo.

— Doutor... quem é?

A voz não era a de um anjo. Era ponderada, circunspecta, e inequivocamente jovem. Fez lembrar a Mark a sua irmã.

— Chama-se Mark. — Outra voz, masculina, mais velha e suave.

Mark suspendeu a respiração. O Ceifeiro estava atrás dele agora. Ouvia-se o roçar do casaco quando ele se inclinou sobre Mark.

— Pertence-me, agora.

— Está doente?

— Já não. O isolamento, para evitar outras infecções, foi a única maneira de conseguir uma recuperação completa. Ele parece bem mais animado agora, embora não perceba a razão para todo este pânico.

Confuso, Mark abriu uma nesga dos olhos, voltando ligeiramente a cabeça. O anjo, todo de branco, salvo o tom escuro do rosto, do cabelo e das mãos, estava diante do Ceifeiro. Este era alto, tinha vestes negras e um rosto pálido e sinistro. Mark tentou erguer-se. Quando o anjo lhe voltou a cabeça ele fitou-o, suplicante.

— Se me permite, doutor — disse o anjo, com os olhos castanhos escuros, quase pretos, fixando com curiosidade o olhar de Mark. Depois levantou a mão e removeu com destreza o rosto do Ceifeiro.

Durante um momento, Mark sentiu-se tonto, com a cabeça à roda.

E depois voltou a si.

A sala da torre escureceu quando o sol poente, que ainda há pouco brilhava através da janela estreita, desapareceu sob o peitoril. A sala, Mark reparou então, estava cheia de móveis cobertos com lençóis brancos. As roupas do anjo já não ardiam com a luz. Na verdade, não eram muito melhores do que as suas — apenas um grosseiro vestido de algodão e um avental creme. Quando ela se curvou sobre ele, alguns fios de cabelo espesso e preto caíram-lhe para o rosto, soltando-se da fita branca que ela usava para prendê-lo. E nas mãos a rapariga de pele morena exibia agora uma máscara branca de contornos estranhos, juntamente com um par de peças de vidro grosso e escuro que Mark logo ficaria a saber se chamavam óculos.

Quanto ao Ceifeiro, o seu rosto verdadeiro era humano. Um homem jovem, com o cabelo castanho curto e esparso, já com entradas, e um fino bigode encarrapitado sobre o lábio.

Mark sentou-se.

— Estou vivo? — perguntou, com a voz arranhando-lhe dolorosamente a garganta seca.

A rapariga fez que sim com a cabeça. — Graças ao Dr. Theophilus — respondeu.

Ela encarou Mark, examinando-o com os olhos escuros. Depois voltou-se para o homem.

— Doutor, o bilhete do conde dizia que ele queria vê-lo à quinta hora. Já lhe levei a refeição.

O doutor passou um dedo pelo bigode, parecendo nervoso.

— Por acaso não me poderias dizer qual era o estado de espírito dele, Lily?

A rapariga, Lily, franziu as sobrancelhas. — Eu teria... algum cuidado, doutor.

Ela baixou os olhos para Mark, que continuava sentado entre eles, e perguntou: — Estás com fome?

Mark levou alguns segundos a perceber que a pergunta era para ele. Então, de repente, descobriu que estava esfomeado. Acenou energicamente com a cabeça. Lily sorriu.

— Ele já pode comer? — perguntou ao médico, que franziu os lábios.

— Penso que sim — respondeu, cautelosamente. — Sim... primeiro alguma comida e depois mostra-lhe a casa. Eu e o avô temos assuntos importantes para debater.

Lily respondeu com um rápido aceno da cabeça e voltou-se para Mark, estendendo-lhe a mão.

— A primeira parte da visita... a cozinha é por aqui.

Mark deu-lhe a mão, que parecia mais pálida do que era normal ao lado dos dedos escuros dela. Talvez porque a habitual sujidade tivesse sido lavada. Com alguma dificuldade, pôs-se de pé. Era mais alto do que ela. Lily largou-lhe a mão e apontou para as escadas. Dali de cima, pareciam menos sobrenaturais.

— É a quinta porta — informou. — Entra e espera por mim. Se tocares nas painéis vais arrepende-te. Preciso só de um momento com o doutor.

Mark acenou de novo com a cabeça, tentando pensar no que dizer enquanto se voltava para as escadas e começava a descer. Estava ainda a pensar no assunto quando chegou à quinta porta e rodou a maçaneta. Então, todos os pensamentos sobre palavras

desapareceram-lhe da cabeça, dominada pelo cheiro avassalador que saiu pela porta aberta. O cheiro a comida cozendo em panelas sobre um fogo fumarento. De repente, era como estar de novo na margem do rio, antes de ter chegado a peste cinzenta, onde à tardinha os diferentes aromas de uma centena de caldos e guisados o conduziam através das ruelas para casa, para se juntar ao irmão e à irmã à volta da tigela e devorar os restos da última pescaria do pai. Preparava-se para entrar de roldão, para levantar a tampa da panela mais próxima, quando ouviu um ruído ao cimo das escadas. Lily e o médico estavam a conversar. Deixou-se ficar junto à porta, dividido entre a curiosidade e a fome. Depois, sem fazer barulho, voltou a subir as escadas, esforçando-se por ouvir.

— ... não deixar o velho saber — estava o médico a dizer. — Ainda não. Ele acha que não podemos manter outro criado. Já tentei explicar que não consigo trabalhar sem ajuda mas... sabes como ele é.

— Muito bem, doutor. Presumo então que o Mark irá ajudá-lo.

— Assim que estiver melhor, Lily. Ele é o primeiro doente que consigo recuperar completamente — lembrou o médico, com uma ponta de orgulho na voz. — É melhor ter cuidado.

Mark sorriu. Não sabia o que estava a acontecer, mas quem quer que fossem aquelas pessoas, iam ficar com ele.

— E... — a voz de Lily baixou de tom — ele já sabe que o pai o vendeu?

Seguiu-se uma pausa.

— Achei que lhe pudesses dar essa notícia, Lily — suspirou o médico —, como alguém que sabe o que é adaptar-se...

— Como queira, doutor.

Entorpecidamente, imperceptivelmente, Mark perdeu o apetite.